

OS CONTOS DE FADAS E O ESTÍMULO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Autor: Julieyne da Silva Cândido

Prof. Orientador: Aline Bittencourt Domingos

Lúcia Cristiane Moratelli Pianezzer

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Pedagogia (PED0099) – Trabalho de Graduação

23/05/13

RESUMO

Os contos de fadas fazem parte da imaginação das crianças. Por meio da leitura elas podem expressar a criatividade e soltar a imaginação fantasiando a história, os personagens e o cenário. No mundo atual, os celulares e computadores estão ganhando espaço na infância das crianças, tornando a leitura “menos interessante” que a interação com estes aparelhos. A busca pelos livros deve ser algo constante e os pais devem dar esse exemplo em casa, sendo leitores, tendo livros em grande quantidade e no gênero adequado à infância. Com isso, o gosto e o prazer pelas leituras serão favorecidos, tornando a criança um grande leitor e, quem sabe, um belíssimo escritor, no futuro. A leitura foi o tema proposto nos estágios supervisionados, e muito bem aceito pelos alunos, o que facilitou a obtenção de dados para a escrita do referido trabalho de graduação.

Palavras-chave: Contos de Fadas. Leitura. Criança.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema “Os Contos de Fadas e o estímulo da leitura no ensino fundamental”. A área de concentração refere-se às metodologias de ensino e o principal objetivo é o incentivo à leitura por meio dos contos de fadas. Muitas crianças da atualidade preferem os brinquedos eletrônicos e os aparelhos de multimídia com suas inúmeras funções, ao invés de manusearem um livro, deixando de conhecer um mundo repleto de emoção, alegria e bem-estar, que se escondem para que os encontremos nas páginas de um livro.

O ato de contar e ouvir histórias são atividades antigas que o homem, das mais diferentes classes sociais, exerce, pelo

simples fato de sentir prazer ao ler, ouvir e contar histórias em seus mais distintos gêneros. Entre estes gêneros encontram-se os contos de fadas com seu poder de emocionar, tocar os sentimentos de quem ouve e fazer refletir.

Os contos de fadas surgiram com o intuito de divertir os adultos enquanto os mesmos se reuniam para trabalhar e conversar. Os temas desses contos eram totalmente inapropriados para crianças, pois falavam sobre morte, violência e incestos. Nesta época, as crianças ainda eram vistas como adultos em miniatura. Muito tempo depois, surgiu a literatura infantil voltada às crianças e os contos que os adultos ouviam para se divertir, enquanto trabalhavam, foram reformulados e hoje encantam crianças e

adultos com seus temas e personagens, dignos de um mundo de fantasia e magia.

Neste artigo o leitor poderá compreender a importância que os contos de fadas exercem no estímulo à leitura desde que a criança ainda é bem pequena, uma vez que, estabelecendo contato com os contos ela tem a oportunidade de criar, recriar e construir tudo o que a ela já foi oferecido.

Ainda neste artigo algumas seções relatarão, além da importância e do surgimento dos contos, seus principais autores; a relação infância e literatura; a visão dos educadores sobre a leitura; os materiais e métodos utilizados para a pesquisa; os resultados e discussões sobre o tema e as referências bibliográficas.

O objetivo dessa pesquisa é a compreensão dos contos de fadas no imaginário infantil, bem como sua importância no estímulo a leitura.

2 O ESTÍMULO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Os contos de fadas fazem parte da infância de muitas pessoas e têm um grande papel no imaginário infantil. Sabemos que muitas crianças assistem várias vezes ao dia ao mesmo desenho, ouvem a mesma música e as mesmas histórias, isto porque a cada vez que elas as ouvem ou veem, as interpretam de maneira diferente. Para que as crianças se tornem leitoras, uma leitura deve ser prazerosa, constante e motivadora de novas leituras, seja em casa, na escola ou no grupo social.

Para a autora Cecília Meireles (1984 p. 55), “a literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição”. A literatura tem como principal função desenvolver no leitor o gosto de ler. A formação do leitor é desenvolvida através do prazer e satisfação que o leitor tem quando realiza a leitura. Segundo Coelho (1991, p. 9): “[...] a formação

do pequeno leitor deve começar bem cedo e prosseguir em gradativo aprofundamento até o final de seu ciclo de estudo, na escola. Disso depende que seu convívio essencial com o livro possa continuar”.

Sabemos que o contato com a leitura deve ocorrer desde cedo, porém isto não acontece com frequência. Grande parte das crianças só manuseia livros quando vai à escola, sendo que o ideal seria que esse contato ocorresse em casa com o incentivo da família. Portanto, a escola deve desenvolver projetos, nos quais o objetivo principal seja o manuseio de diferentes obras e o incentivo à leitura, não restritas apenas à interpretação de textos, mas também ao entretenimento que a leitura proporciona ao leitor.

“Compreender que a necessidade do ser humano atende a literatura, requer que indague por que e para quem escreve. E por que se lê. E nessa investigação pode-se discutir também que função tem a literatura de ficção no nosso cotidiano e no universo escolar”. (SANTA CATARINA, 1998, p. 42). Diante desta citação apresentada pela proposta Curricular de Santa Catarina, percebe-se a importância da compreensão das razões dos discursos literários na representação histórica e social.

A literatura aborda diferentes questões: históricas, políticas e sociais. As obras literárias mais presentes no cotidiano do leitor são as lendas, as canções, as poesias, as histórias infantis, as piadas e as obras não publicadas, como: teatro, novelas e telejornais.

Para que a criança tome gosto pela leitura é necessário que ela conviva num ambiente propício à leitura de livros, revistas, gibis etc., e que seu educador seja também um leitor assíduo, pois assim a criança, na maioria dos casos, poderá utilizá-lo, como exemplo.

[...] a leitura dá um sentido espiritual à vida, abre horizontes, dá uma visão melhor e

mais ampla do mundo e da sociedade em que vivemos, estimula a imaginação e o sonho, e cria possibilidades antes impensadas de reivindicar mudanças em nossa sociedade, corrigindo as injustiças sociais e políticas que nos afligem. (MINDLIN, 2009, p. 13).

Os primeiros contatos que a criança tem com o mundo literário acontecem, muitas vezes, por meio dos contos de fadas. A partir deles, as crianças passam a ter um envolvimento com a história, com os personagens, com as palavras e até mesmo com a reflexão sobre o seu papel na sociedade. A leitura dos contos lhes permite a experimentação de mundo e, conseqüentemente, pode auxiliá-las no contato com a leitura e escrita.

2.1 O ESTÍMULO DA LEITURA POR MEIO DOS CONTOS DE FADAS

É comum que as crianças aprendam a gostar dos livros quando a família cultiva o hábito de contar histórias. Quem conta histórias para crianças deve conhecer bem o que está contando para transmitir com emoção cada linha, cada parágrafo, cada fala e, desta forma, marcar quem ouve com o doce sabor de “quero mais”.

“Para que a ‘Hora da História’ seja um momento verdadeiro, mágico, é preciso que na introdução, que é a parte inicial, preparatória, seja muito bem resolvida, dizendo ‘quando’, ‘onde’ e ‘quem’ (tempo, espaço e personagens)”. (COELHO, 2000, p. 22).

Os contos de fadas representam uma arte, pois estimulam a fantasia e a criatividade, ou seja, a criança se envolve de forma mágica nos segredos, mistérios, medos e perigos a que são submetidos seus personagens.

Segundo Coelho (1987, p. 13), “nem toda a história vem do livro pronta para ser contada, a linguagem escrita por mais simples

e acessível ainda requer a adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa”. O prazer da leitura deve ser incentivado, porém a escolha de continuar praticando a leitura no percurso da vida é do leitor. Mindlin (2009, p. 16) define: “digo sempre que a leitura é um modo de liberdade intelectual”. Liberdade esta que é garantida na autonomia de escolher as obras que atendem a necessidade e o gosto do leitor.

Acentuando o prazer que o livro proporciona, disseminar-se-á um novo conceito de leitura. Não há propriamente uma receita para se conseguir esse objetivo, mas parece-me evidente que sua conquista deve começar na infância, através do exemplo dos pais ou da leitura em voz alta. Todo bom leitor teve na sua história de leitura alguém mais velho, que o iniciou no amor aos livros. (MINDLIN, 2009, p. 19-20).

Na formação de leitores é fundamental o incentivo por meio do exemplo, portanto, o educador deve ser um bom leitor e passar isso às crianças. Quando o estímulo pela leitura não acontecer nos primeiros anos de vida, ele pode ocorrer em outras fases, afinal, nunca é tarde para despertar ao prazer de ler.

Ler para mim significou abrir as comportas para entender o mundo, através dos olhos dos autores e da vivência das personagens. [...] ler foi sempre a maravilha, gostosura, necessidade primeira básica, prazer insubstituível. [...] e continua lindamente sendo exatamente isso. (ABRAMOVICH, 1989, p. 14).

Abramovich (1989) relata a importância e a necessidade de partilhar as experiências de leitura. A leitura é um prazer e quando bem trabalhada não se torna difícil despertar o gosto por ela.

2.2 OS CONTOS DE FADAS

Desde que surgiram, os contos de fadas encantam crianças de geração após geração, pois, por meio deles a criança

estabelece uma relação com o autor do conto.

O conto é uma narrativa curta, de cunho imaginário onde o maravilhoso predomina e os ensinamentos conduzem a levar a história para o lado bom. Nos contos as coisas não são reais e por isso temos a oportunidade de dar-lhes vida.

Nos contos de fadas são contadas histórias que, por sua vez, podem ter alguma relação com o cotidiano das crianças, o que permite que possam se identificar com os personagens, sendo que neles tudo se torna possível e o imaginário é estimulado.

O mundo está sempre em transformação, mas os contos que encantam as crianças de hoje são os mesmos que encantaram as crianças por várias gerações.

Alguns contos foram submetidos a uma certa censura, embora podemos dizer que seu conteúdo básico foi mantido. Hoje eles fazem parte da educação desejável, assim como aprender a contar e se alfabetizar, é impensável que uma criança cresça em um ambiente considerado estimulador sem ter entrado em contato jamais com Chapeuzinho Vermelho, João e Maria ou Bela Adormecida. Nem que seja intuitivamente, a maior parte das pessoas acredita que essa tradição tem algo a dizer. (CORSO; CORSO, 2006, p. 26).

Os contos de fadas surgiram para o público adulto e eram contados em reuniões, salas de fiar, campo ou em qualquer outro lugar em que só os adultos se reuniam. A forma original desses contos continha doses de canibalismo, incesto, morte e adultério e tinham o propósito de instruir e não de divertir quem lia. Por meio deles as moças desejavam conhecer seu príncipe encantado, e as meninas desobedientes, como a famosa Chapeuzinho Vermelho, passavam por situações de perigo, ao enfrentar o lobo mau. As versões dos dias atuais foram suavizadas e fazem parte do repertório das histórias para crianças. Os contos de fadas apesar de sua existência ser datada no século XVII, só se

tornaram conhecidos quando os autores mais famosos, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, deram a uma coletânea de narrativas publicadas no ano de 1812, o título “Contos de fadas para crianças e adultos”, onde foi reunida toda a diversidade de contos num conceito único que passou a ser a base de todas as coletâneas.

Por que esses contos se chamam contos de fadas? Sabe-se que a palavra “fada” provém do latim “fatum”, que significa destino, fatalidade, oráculo, e estas fadas, segundo Chevalier (2000, apud OLIVEIRA, 2001, p. 3), “são seres fantásticos de grande beleza, que se apresentam, na maioria das vezes, sob a forma feminina”.

Corso e Corso (2006) definem os contos de fadas como contos maravilhosos, que podem ser assim definidos por conter os elementos mágicos ou fantásticos que não precisam ser necessariamente as fadas, mas algo encantador.

O elemento fantástico presente enquanto maravilhoso nessas narrativas cumpre a função de garantir que se trata de outra dimensão, de outro mundo, com possibilidade e lógicas diferentes. Assim fazendo, os argumentos da razão e da coerência já são barrados na porta, e a festa pode começar sem suas incômodas presenças, bastando pronunciar as palavras mágicas Era uma vez... como uma senha de entrada. (CORSO; CORSO, 2006, p.27).

Coelho (2002) enfatiza que os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores e ouvintes de todas as idades.

De acordo com Bettelheim (1980, p. 352), “Os contos de fadas fazem com que a fantasia se torne verdade”.

Contar um conto ou uma história a uma criança estimula a imaginação e a criatividade

e elas percebem que nessas histórias tudo se torna possível. Então, por que não possibilitar momentos agradáveis às crianças através de histórias, contadas em casa ou na escola? Ao contarmos uma história temos que ter a consciência do que estamos fazendo, pois, por meio dela a criança vai iniciar o seu processo de conhecimento, pelo contato com a sonoridade das palavras, pelo ritmo, e pela entonação, portanto é necessário ter calma e envolvimento. As pausas devem ser respeitadas para que assim a criança consiga imaginar todos os detalhes que envolvem o cenário, os monstros, o vestido da princesa, as características do príncipe ou da bruxa.

Na escola, existem várias formas de se incentivar a leitura, pois ao contar uma história as crianças podem desenhar, criar outros finais, dramatizá-la com fantoches, entre outros. Também podem-se distribuir livros somente com ilustrações e pedir para que as crianças criem uma história, a partir das imagens, dando nome aos personagens, criando cenários, e enredos, estimulando o imaginário e a fantasia que são tão importantes nesta etapa na vida da criança. O importante é estar disposto a inovar e contar histórias por meio de teatro, desenho, fantoche etc., permitindo assim que a criança goste e aprenda a ter esse contato com a leitura, desde cedo, levando este hábito para a vida toda. Uma ideia é ter à disposição da criança uma biblioteca para que assim, ela possa ir e ficar o tempo necessário para ter o contato com um número grande de livros, ou mesmo organizar feirinhas de livros na sala de aula.

Abramovich (1989, p. 23) diz que “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo a mesma história ou outra. Afinal, tudo pode nascer de um texto”.

Portanto, contar uma história ou um conto para uma criança é sem dúvida um ato de amor, e quem o faz deve fazer de maneira

prazerosa.

É comum encontrar educadores que usam os contos quando estão alfabetizando, por que assim a criança desenvolve o interesse pela leitura e pela escrita, pois quem lê tem mais facilidade na hora de escrever. Para a autora Casasanta (1984, p.19) “os bons professores reconhecem o valor da literatura na formação da criança e recorrem às atividades atraentes e variadas...”.

[...] Os Contos estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e achar junto e uma resposta para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas. (ABRAMOVICH, 1997, p. 120).

As crianças ao lerem os contos, se envolvem completamente, porque neles tudo é resolvido, o bem sempre vence, o mal é derrotado e coisas mágicas acontecem, resultando num final feliz.

Entre os contos mais conhecidos estão: Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Cinderela, Branca de Neve, O Patinho Feio entre outros.

Tomamos aqui como exemplo o Conto dos Três Porquinhos, que nos ensinam a não ser preguiçosos em nossos projetos, e ter êxito ao completar nossos objetivos. As casas que os porquinhos constroem, mostram o progresso do homem com o passar do tempo: primeiro uma cabana de palha, segundo uma casa de madeira, e por fim uma casa de tijolos capaz de resistir a “certos” fenômenos

da natureza.

2.3 OS AUTORES E SEUS CONTOS

Entre os autores de contos mais conhecidos estão Charles Perrault, Os Irmãos Grimm, Hans Cristian Andersen.

Charles Perrault viveu em Paris, no século XVII, foi o primeiro escritor francês a se dedicar a literatura infantil. Seus contos sempre contam com a moral da história no final e falam sobre bruxas, princesas e fadas. Os contos mais conhecidos dele são: Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, O Pequeno Polegar e A Bela Adormecida.

Os Irmãos Grimm viveram na Alemanha, no século XIX, e até hoje fazem sucesso com suas obras que fazem a felicidade das crianças. Depois de vários contos publicados separadamente, em 1812, Jacob e Wilhelm Grimm publicaram seu primeiro conto juntos e se dedicaram às crianças por seus temas mágicos e maravilhosos. A coleção dos contos dos irmãos Grimm já atravessou séculos com muito sucesso. Segundo Oliveira (2001, p. 3), “Sob a influência do signo romântico, encontram este mundo mágico em suas pesquisas filosóficas, onde a tradição oral preservava essa fantasia”. Nessa coletânea com ideias do Romantismo se destacam o conto da Cinderela, Bela Adormecida, Branca de Neve, Cinderela, Rapunzel, João e Maria, A Princesa e o Sapo, O ganso de Ouro, Os músicos de Bremen, As viagens do Pequeno Polegar entre outros, fazem parte dos contos dos Irmãos Grimm.

O autor Hans Christian Andersen viveu na Dinamarca, no século XIX, foi poeta e novelista. O que mais o influenciou a escrever contos foram os contrastes que ele observava na sociedade. Desde criança ele observava o comportamento das pessoas com quem convivia, e isso acabou se tornando a sua marca registrada. Foram entre os anos 1835 e 1842 que o autor começou a se dedicar

com os contos, lançando vários contos para as crianças. De acordo com Coelho (2002), Andersen passou à história como a primeira voz autenticamente romântica a contar história para as crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que naquele momento se organizava. Seus contos são: O Patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, Os Sapatinhos Vermelhos, A Pequena Sereia, A Roupa Nova do Rei, A Princesa e a ervilha, A pequena vendedora de fósforos, A pequena Ida, O limpador de chaminé etc.

2.4 INFÂNCIA E LITERATURA

Até meados do século XVIII não existia uma definição de infância. As crianças eram vistas como adultos em miniaturas, pois participavam de eventos sociais com os pais e não havia uma literatura específica para elas. Só quem tinha acesso à literatura nesse século eram as classes economicamente favorecidas, e ainda assim o privilégio era dos adultos. Com a ascensão da burguesia ao poder, com a Revolução Industrial o Iluminismo passou a vigorar e conseqüentemente há uma alteração no modo de compreender a infância.

O surgimento da literatura no século XVIII se deu por causa da expansão da educação escolar às classes menos favorecidas. A literatura por sua vez tem a preocupação de preparar crianças para as situações da vida.

Corso e Corso (2006) afirmam que os contos de fadas que conhecemos hoje e que encantam crianças de todo o mundo datam do século XIX. A literatura infantil na época em que surgiu era usada como instrumento de ensino.

Monteiro Lobato através de seus personagens trouxe uma nova visão para a literatura. Ele teve uma preocupação ligada à educação. Somente no fim do século XIX que o ensino se torna mais prático, e isso foi

possível graças aos grandes reformadores importantes na pedagogia moderna no Brasil: Rui Barbosa, Guilhermina Loureira, Teodoro Morais, Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Estes e outros autores contribuíram para a expansão da literatura no Brasil.

A autora Ligia Cademartoi (2010) afirma que a literatura infantil no Brasil viveu durante muito tempo à sombra de Monteiro Lobato. Com a chegada do movimento moderno no Brasil, Lobato foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX, trazendo um novo olhar crítico para a literatura infantil. Seus livros traziam um olhar nacionalista dos problemas dos brasileiros com denúncias literárias que escandalizaram o Brasil na época.

Monteiro Lobato certamente possui destaque entre as crianças com a literatura infantil, principalmente pela obra mais conhecida do autor, o “Sítio do Pica-Pau Amarelo” que permite seu encantamento com os personagens fantásticos, boneca de pano, burro falante, Visconde de Sabugosa, Narizinho, Pedrinho, Tia Anastácia, Cuca... entre outros.

Segundo Coelho (1993), “A Literatura Infantil é antes de tudo, Literatura, ou melhor, é arte fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através das palavras. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário, o real, os ideais sua possível/impossível realização”.

Carvalho (1985, p. 21) afirma que “a literatura infantil enriquecendo a imaginação da criança, vai oferecer-lhe condições de liberação sadia, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade”.

Bettelheim (1980) afirma que a criança desenvolve por meio da literatura, o potencial crítico e reflexivo. Afirma que a partir do contato com um texto literário de qualidade, a criança é capaz de refletir, indagar,

questionar, escutar outras opiniões, articular e reformular seu pensamento.

Carvalho (1985, p. 197) escreve que “levar a criança a ler apenas, não é o bastante para formar o hábito da leitura que permanece e acompanha a criança ao longo da vida”.

Corso e Corso (2006, p. 21) complementa que:

[...] uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção. A história de uma pessoa pode ser rica em aventuras, reflexões, frustrações ou mesmo pode ser insignificante, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro. Frequentar as histórias imaginadas por outros, seja escutando, lendo, assistindo a filmes ou a televisão ou ainda indo ao teatro, ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vista diferentes. Habitar essas vidas de fantasia é uma forma de refletir sobre destinos possíveis e cotejá-los com o nosso.

A criança, na maioria dos casos, conhece a linguagem escrita e a literatura na escola. É neste local que ela se depara com a leitura de modo dinâmico e concreto. O educador deve incentivar a leitura aos seus alunos de modo que eles tomem gosto por ela, usando estratégias, apresentando livros de boa qualidade, que ajudem a criança a imaginar e fantasiar, percebendo aos poucos a relação entre a realidade e a fantasia.

2.5 A MAGIA DE LER PARA AS CRIANÇAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Na Educação Infantil a leitura se torna constante na rotina dos pequenos, portanto, é preciso que o educador saiba como ler e como prosseguir no momento da leitura.

A seguir seguem uns exemplos de como ler para as crianças: primeiramente o professor precisa gostar do que vai ler; é preciso que seus olhos brilhem diante da história; conhecer bem o texto é fundamental;

além de utilizar linguagem clara, é preciso ter um lugar certo para fazer a leitura, seja num determinado canto da sala ou no tapete; é interessante conversar com as crianças antes e depois da história para que assim a criança tenha a oportunidade de expor seus pensamentos; durante a leitura se alguma criança interromper é preciso se dirigir a ela com um olhar afetuoso indicando que após a leitura ela terá oportunidade de expor sua opinião.

A arte de contar histórias está cada vez mais presente nas salas de aula, portanto, é necessário inovar, trazendo novidades para as crianças, pois o que não faltam são recursos disponíveis para os professores, tais como: a dramatização, os fantoches, gravuras e dedoches, são alguns destes recursos. O ato de contar histórias passou a ser compreendido como uma alternativa a mais para que a criança tenha prazer em ler e assim se torne um leitor ativo, facilitando seu processo de aprendizagem.

Para se contar uma história não basta simplesmente ler, é preciso também interpretar, dar vida ao texto e atribuir sentido ao que lê, encantando a criança. Ler histórias para uma criança é ter a certeza de que sua imaginação será estimulada e que os personagens do livro ganharão vida, num mundo mágico onde tudo é possível e maravilhoso.

2.6 O EDUCADOR E SUA VISÃO DE LEITURA

No mundo da leitura há uma interlocução entre quem lê uma história e quem escreve, e isso é uma estratégia para que possamos compreender as dificuldades de interpretação de textos dos alunos.

De acordo com Kleiman (1997, p. 10),

A leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.

Essa dimensão interacional, que para nós é a mais importante no ato de ler, é explicitada toda vez que a base textual sobre a qual o leitor se apoia precisa ser elaborada, pois essa base textual é entendida como a materialização de significados e intenções de um dos interagentes à distância via texto escrito.

Diante dessa defesa apresentada pela autora, afirma-se que o sentido do texto é construído na interação produtor e leitor. A compreensão do texto está se tornando uma tarefa cada vez mais difícil, isso porque o texto a ser compreendido é complexo e envolve compreensão de frases, argumentos, objetivos, ações e intenções. “Para a compreensão do texto é necessário também poder relacioná-lo a um todo maior, dando-lhe coerência”. (KLEIMAN, 1997, p. 10).

Para que o autor possa compreender um texto, é preciso que ele detenha os conhecimentos necessários à interpretação. A partir do instante em que compreendemos um texto, atribuímos a ele significado através de uma reconstrução do mesmo.

Existe um grande repertório de portadores de textos, e uma grande parte são de fácil acesso ao público, como os jornais, livros, revistas, porém ainda há uma dificuldade para um grande número de crianças quanto à habilidade de compreender e interpretar um texto.

Vários educadores acreditam que as crianças convivem em um mundo letrado e com estímulo à leitura. Porém, num país onde ainda há fome, miséria e desigualdade social, não é difícil achar crianças e adultos que não têm acesso às informações e aos conhecimentos produzidos nas escolas.

Os educadores dizem que é dever da escola democratizar e promover a leitura. Portanto, é necessário analisar a circulação e produção de sentido do texto no âmbito escolar.

A escola, que se pretende democrática,

na verdade, também exclui, pois os mesmos alunos que têm acesso a ela sofrem, muitas vezes, um tipo velado de exclusão. Isso porque a inscrição do sujeito leitor se faz controlada e dirigida. Ele é instado a confessar aos outros a sua leitura e a corrigi-la na direção do consenso. Dessa forma, pode-se observar um controle do imaginário que se faz continuamente em nome da aquisição do conhecimento construído sem imaginação e sem investimento pessoal do leitor. (PAULINO et al., 2001, p. 27).

Historicamente estamos convivendo em espaços escolares, com sinais bem marcados que denunciam o ciclo da exclusão. Primeiro a exclusão se dava já na entrada, não havia acesso para todos na escola, após a evasão e em seguida a retenção.

Bettelheim (1985, p. 17) afirma que “boa parte dos procedimentos cotidianos das escolas são concedidas por causa das necessidades do sistema educacional estabelecido, e essas necessidades, frequentemente, prevalecem sobre a necessidade das crianças”.

Percebe-se que há um grande esforço por parte de alguns educadores em desenvolver estratégias para que as dificuldades interpretativas dos alunos sejam amenizadas.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido a partir do tema “Os contos de fadas e o estímulo da leitura nas Séries Iniciais”, pois é um tema que por fazer parte da literatura infantil deve auxiliar as crianças a ler, escrever e interpretar.

Para o desenvolvimento da pesquisa científica, foram necessários alguns procedimentos metodológicos, de forma aplicada, pois nos fez gerar conhecimentos para uma aplicação prática.

A abordagem do problema é de forma

qualitativa, porque não requer o uso de métodos e a pesquisa é o instrumento chave.

Quanto à realização dos objetivos, a pesquisa foi realizada de forma exploratória, o assunto não é desconhecido, e sendo assim as pessoas acabam tendo um pouco de conhecimento, isso por que a pesquisa fala sobre “Os contos de fadas e o estímulo da leitura nas Séries Iniciais” é um tema estudado por vários autores.

Assim, quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa é de cunho bibliográfico, forma aproveitadas também as experiências que obtivemos no dia a dia nos estágios.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através de fontes bibliográficas e estágios realizados nas Séries Iniciais e no Centro de Educação Infantil, foi possível realizar esta pesquisa.

Diante das várias leituras realizadas, percebeu-se que a literatura faz bem para o homem em qualquer idade, ou seja, o livro é a melhor ferramenta para a construção de conhecimento. Pode-se afirmar então que quem tem o hábito de ler, normalmente escreve melhor, pois a cada leitura mais conhecimento é adquirido.

Este hábito deve ser cultivado e ter seu início ainda em berço, com o incentivo da família, assim como o da escola, que ao proporcionar momentos para o aluno com os livros e propor projetos capazes de incentivar os alunos a dedicarem um tempo por dia à leitura, os motiva a deixar de estar (na maior parte de do tempo) com os computadores e jogos eletrônicos. Desta forma, contribui-se para a construção de um mundo melhor e mais comunicativo.

A criança que lê, torna-se um adulto mais criativo, dinâmico, que pensa, questiona, desconfia e interpreta melhor o mundo à sua

volta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler é uma necessidade humana, o ser humano precisa estar bem informado nos dias de hoje e essa leitura pode ser através de livros, revistas, jornais, internet, sendo acessível a todas as classes sociais. Introduzir a criança nesse mundo desde que nasce é ter a consciência de que ela poderá aderir ao mundo da leitura e crescer tendo contato com os mais variados tipos de fontes de leituras.

A maioria das crianças ao chegar à escola já conhece alguns contos, o que é um bom sinal, pois a contação de histórias deve começar bem antes de a criança ter o domínio da escrita.

Os contos de fadas são maravilhosos porque neles os personagens enfrentam dificuldades, enfrentam bichos ou figuras maléficas. As crianças por sua vez se identificam com esses personagens, pois acreditam que o bem sempre vence o mal.

A escola por sua vez pode trabalhar textos que interessam ao aluno e desenvolver o domínio da língua culta. A nós, educadores, cabe a deliciosa missão de sensibilizar e apaixonar nossas crianças pelo fantástico mundo da literatura, repetindo três palavras mágicas que se desdobrarão em tantas outras: “Era uma vez...”.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BEITELHEM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e

Terra, 1980.

BETTELHEIN, Bruno. **Psicanálise da alfabetização**. Porto Alegre: Artes médicas, 1984.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 1985.

CASASANTA, Tereza. **Criança e literatura**. Belo Horizonte: Veja, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria – análise e didática**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura infantil: história, teoria e análise e o conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã**. Porto Alegre: Artemed, 2006.

KLEIMAN, Angela. **Textos e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

MINDLIN, José. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo. **Presença da fada-madrinha nas versões do conto Cinderela**. 2001. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/trabalhos/contosdefadas.htm>>. Acesso em: 28 maio 2014.

PAULINO, Graça et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e médio: Disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

